

LINGUAGEM E PERSUASÃO: O JOGO ARGUMENTATIVO PRESENTE NO GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA

LANGUAGE AND PERSUASION: The Game Written in the genre TEXTUAL CHRONICLE

Luciana Martins Arruda¹
Raquel Lima de Abreu Aoki²

RESUMO: Adotando como referencial teórico as contribuições da Análise Retórica do Discurso e da Pragmática, este artigo tem como objetivo principal investigar o jogo argumentativo presente no gênero textual crônica. Para exemplificar quais as estratégias lingüísticas utilizadas pelo cronista para convencer e persuadir o seu leitor/interlocutor, selecionamos a crônica: "O crítico teatral vai ao casamento", de Millôr Fernandes.

Palavras-chave: Linguagem persuasiva; Jogo argumentativo; Crônica.

ABSTRACT: Adopted as a theoretical reference at contributions of the Rhetorical Analysis of Discourse and Pragmatic, this article has as main objective to investigate the main game in this genre argumentative textual chronic. To illustrate what the linguistic strategies used by the chronicler to convince and persuade the reader/interlocutor, we selected the chronic "O crítico teatral vai ao casamento", of Millôr Fernandes.

Keywords: Persuasive language; Game argumentative; Chronic.

Introdução

A língua é vista como um instrumento de interação social. A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Através do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – o homem interage socialmente, tenta influenciar o comportamento dos seus interlocutores ou faz com que compartilhem suas opiniões. Assim, a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade.

A linguagem, afirma Ducrot (1987), é um jogo de argumentação enredado em si mesmo; não falamos sobre o mundo, falamos para construir um mundo e a partir dele tentar convencer nosso interlocutor da nossa verdade, verdade criada pela e nas nossas interlocuções. A verdade deixa, pois, de ser um atributo do mundo e passa a ser relativa à comunidade que se forma na

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos/Análise do Discurso pela UFMG. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. E-mail: lulucaarruda@ig.com.br

² Pós-Graduada em Linguística pela Puc-Minas. Professora de Língua Portuguesa da rede particular de ensino de Belo Horizonte. E-mail: raquelima@yahoo.com

argumentação. Não falamos para trocar informações sobre o mundo, mas para convencer o outro a entrar no nosso jogo discursivo, para convencê-lo de nossa verdade.

O ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, desencadeando comportamentos, obtendo reações verbais ou não verbais, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, um objetivo. Desse modo, podemos afirmar, não existe um discurso "neutro", ingênuo porque procuramos sempre dotar nossos enunciados de uma determinada força argumentativa (KOCH, 1996).

Destacamos que existem duas modalidades discursivas: a oral e a escrita. O discurso, aqui analisado, insere-se na modalidade escrita da língua. Isso porque o texto a ser investigado é o de uma crônica escrita por Millôr Fernandes, "O crítico teatral vai ao casamento".

Com base nessas asserções, este estudo tem como fundamentação teórica as contribuições oferecidas, principalmente, pela Análise Retórica do Discurso e pela Pragmática.

1. O conceito de discurso adotado

Neste estudo, adotamos o conceito de discurso proposto por Fiorin (1989, p. 31), segundo o qual: "o discurso é um conjunto situado no plano de conteúdo [que] precisa unir-se a um plano de expressão para manifestar-se. Quando se manifesta um conteúdo por um plano de expressão, surge um texto". Nesse sentido, o discurso é visto como uma prática social de produção de textos. Isto significa dizer que todo discurso é uma construção social e não individual. O autor defende a ideia de que cada discurso apresenta uma estrutura organizacional própria e, portanto, não se resume a um amontoado de frases.

Koch (1996) afirma que o discurso bem estruturado é aquele que contém implícita ou explicitamente todos os elementos necessários à sua compreensão e obedece às condições de progressão e de coerência textuais. Segundo ela, quando um discurso apresenta essas estruturas e passa a comunicar algo, ele constitui o que se entende como *texto*.

O texto, por sua vez, só adquire e produz sentidos quando se constrói na relação com os demais objetos culturais. Isso porque ele necessita estar inserido em uma sociedade, em um dado momento histórico e ser determinado por formações ideológicas específicas, como um objeto de comunicação (BARROS, 2005).

Para finalizar essa seção, lançamos a seguinte questão: *Como reconhecer e analisar num texto, neste caso na crônica, as estratégias discursivas e argumentativas utilizadas pelo autor para persuadir o seu leitor/interlocutor?* Essa questão será respondida durante a análise dos dados.

Na próxima seção, discutiremos o aporte teórico constitutivo da Análise Retórica do Discurso e da Pragmática para explicar o conceito de linguagem persuasiva.

2. Linguagem e persuasão: as estratégias utilizadas

A Análise Retórica do Discurso tem como objeto de estudo os discursos produzidos nas diferentes esferas comunicativas. Considera que tanto o sujeito quanto o discurso são afetados (atravessados) pelo inconsciente e pela ideologia (POSSENTI, 2004, p. 364).

Do ponto de vista retórico, o discurso persuasivo é formado a partir de um conjunto de estratégias argumentativas responsáveis pela sua organização. Aristóteles propôs o silogismo entimemático como suporte dessas estratégias. O *entimema* é explicado como “um raciocínio de verdade provável e não provado, de verdade plausível e não certa, de verdade verossímil e não evidente” (CARRILHO, 1989; In. PESSOA, 2004). Em se tratando da crônica a ser analisada não há como provar que o fato narrado realmente ocorreu. Apesar disso, trata-se de um fato verossímil e muito próximo da realidade, a realização de um casamento.

Ainda com relação à organização do discurso persuasivo, Toulmin (2001) compara a estrutura de um argumento a de um organismo. O argumento tem uma estrutura bruta, a anatômica, e outra mais fina, a fisiológica. A estrutura mais fina corresponde àquela formada pelas sentenças individuais presentes em cada parágrafo e ela tem sido motivo de preocupação para os estudos lógicos, porque é neste nível que se introduz a ideia de forma lógica e os nossos argumentos são validados ou refutados. A estrutura mais bruta corresponde à organização argumentativa como um todo, ou seja, o estabelecimento de uma tese, à sua aceitação ou refutação conduzindo à uma conclusão dos argumentos apresentados no discurso.

Perelman (1996) ressalta que a argumentação visa a provocar ou a incrementar a “adesão dos espíritos” às teses apresentadas ao seu assentimento, caracterizando-se, portanto, como um ato de convencimento e de persuasão. Assim, desejamos convencer o outro quando falamos à razão e persuadir quando falamos à emoção.

Graças a Perelman, hoje, os estudos da argumentação, na retórica, estão associados aos estudos pragmáticos. Foi ele quem explorou a teoria dos “atos de fala” de Austin (1965) e desenvolveu pesquisas juntando as duas disciplinas, ao analisar enunciados abordando o contexto da vida cotidiana.

A Pragmática surgiu a partir dos estudos realizados por Grice (1975). A língua passa a ser entendida como um código utilizado para expressar o pensamento. Mas, além de conhecer o

código linguístico é necessária a obtenção de maiores informações contextuais (sociais e culturais) para a construção de inferências. Logo, o conhecimento de mundo é fundamental para transmitir e entender as informações que estão além do que é dito.

Grice também enfatizou a existência de um princípio regulador da comunicação humana, “o princípio de cooperação”. Acreditava que devemos colaborar com os nossos interlocutores, prestando-lhes informações precisas e condizentes para cada situação contextual.

A comunicação na sociedade acontece, principalmente, por meios linguísticos. Contudo, os usuários da língua, como sendo seres sociais, comunicam e a utilizam em diferentes locais e para diferentes situações comunicativas. Portanto, a pragmática destaca-se como o estudo do modo humano de usar a língua para fins comunicativos, determinando, mais precisamente, como esses locais afetam e qual o efeito provocado no uso da linguagem humana, num dado contexto³.

O uso de uma língua, tal como qualquer comportamento social, está sujeito a regras e normas, mais ou menos rígidas, conforme as situações nas quais nos encontramos. Nessas situações estão inseridos os interlocutores a quem nos dirigimos e, até mesmo, os assuntos que abordamos. Cabe destacar que toda situação de interação sociocomunicativa caracteriza-se por um conjunto de comportamentos, atitudes e atos dos participantes, integrantes de cada situação.

Retomando o princípio de que toda a linguagem é essencialmente argumentativa e de que não discurso neutro, objetivo ou imparcial, selecionamos como estratégias de persuasão ideológica a *seleção lexical* e a *relação entre explícitos e implícitos*.

A seleção lexical consiste na escolha do vocabulário, na sua disposição textual e no emprego de determinadas figuras de linguagem (ex. metáforas, ironias) que podem revelar comprometimento de caráter ideológico. Salientamos que o modo como esse léxico é trabalhado, bem como as escolhas lexicais feitas são de fundamental importância para a compreensão do processo discursivo persuasivo. Isto é, a escolha dos argumentos usados pelo enunciador tem como finalidade o convencimento e a persuasão do seu enunciatário.

Mostramos, portanto, que a linguagem persuasiva se utiliza de várias estratégias ou mecanismos linguísticos de convencimento e de persuasão. Agora, faremos uma breve exposição teórica sobre a definição do gênero crônica.

3. O gênero textual crônica

³ O termo “contexto” é considerado uma palavra-chave para a Pragmática. O contexto pode ser entendido como uma variável social que é correlata, isto é, está ligada ao uso da linguagem, como por exemplo: idade, sexo e variação regional (geográfica).

A palavra *crônica* tem duas origens: do Grego (*chronikós* – relativo ao tempo) e do Latim (*crhonica*). A característica principal desse gênero textual é o conceito de tempo (MASSAUD, 1979). A crônica pode ser caracterizada também como o relato de um ou mais acontecimentos em um determinado tempo.

O gênero surgiu como folhetim no jornalismo brasileiro, no século XIX. Os textos eram publicados junto com pequenos contos, artigos, ensaios breves, poemas em prosa. O espaço reservado aos cronistas era bastante restrito e servia como meio de informação para os leitores sobre os acontecimentos da semana. Porém, esse espaço foi se expandindo, graças a nomes ilustres como: Francisco Otaviano, José de Alencar, Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto e outros, tornando a crônica um gênero autônomo no jornalismo.

Atualmente, o gênero é bastante lido e existem vários cronistas que, como Millôr Fernandes, se dedicam a observar os detalhes da vida cotidiana para, então, registrá-los na forma de crônicas bem-humoradas e com um certo “tom de ironia”. A crônica apresentada, de acordo com a linguagem utilizada, pode ser considerada como uma narração “satírico-humorística” (COUTINHO, 1971). Ela é identificada como um texto narrativo porque traduz uma estória ou episódio do conto contemporâneo e, apesar de não necessitar, possui começo, meio e fim. Além disso, trata-se de um texto “satírico-humorístico” por causa da linguagem de duplo sentido adotada, pelo cronista, com o objetivo de criticar, ridicularizar ou ironizar um fato (o casamento da Senhorita Lídia Teles de Souza com o Senhor Herval Nogueira) e as ações desempenhadas pelos personagens/convidados (figurantes desempenhando os seus papéis).

4. Apresentação e análise do *corpus*

A crônica, *corpus* desta análise, foi escrita por Millôr Fernandes e publicada em 1972, no livro “Trinta anos de mim mesmo”.

O crítico teatral vai ao casamento

Como espetáculo, o casamento da Senhorita Lídia Teles de Souza com o Sr. Herval Nogueira foi realmente um dos mais irregulares a que temos assistido nos últimos tempos. A Senhorita Teles parecia muito nervosa, nervosismo justificado por estar estreando em casamentos (o que não se podia dizer do noivo, que tem muita experiência de altar) de modo que sua dicção, normalmente já não muito boa, foi prejudicada a tal ponto que os assistentes das últimas filas não lhe ouviram uma palavra. O cenário, altamente convencional, tinha apenas uma nota de originalidade nos cravos vermelhos que enfeitavam as paredes. Os turíbulos estavam muito bem colocados, mas os figurinos de todos os oficiantes foram, visivelmente, aproveitados de outras produções.

O noivo representou o seu papel com firmeza, embora um tanto frio. Disse “sim” ou “aceito” (não ouvimos bem as suas frases porque a acústica da abadia é péssima). Fora os pequenos senões

notados, teremos que chamar a atenção naturalmente, para o coroinha, que a todo momento coçava a cabeça, indiferente completamente à representação, como se não participasse dela. a música também foi mal escolhida, numa prova de terrível mau-gosto. Realmente, pode ser que a Marcha Nupcial de Mendelssohn já esteja muito batida, mas é preferível esse fundo ortodoxo a uma inovação do tipo da usada, tendo o coro cantando o samba. “É com esse que eu vou sambar até cair no chão”.

O fato da noiva chegar atrasada também deixou altamente impaciente os espectadores, que a certo momento começaram mesmo a mostrar evidentes sinais de nervosismo. A sua entrada, porém, foi espetacular, e o modelo que trajava, além do andar digno que soube usar para se encaminhar ao palco de seu destino, rendeu-lhe os melhores parabéns ao fim do espetáculo.

O vitorioso da noite foi, sem dúvida alguma, o padre, que disse o seu sermão com voz clara e emocionada, num texto traduzido do latim com toda perfeição.

Em suma – espetáculo normal, que deve ser assistido por todos os parentes e amigos. Lamentamos apenas – e tomamos como um deplorável sinal dos tempos – a qualidade do arroz jogado sobre os noivos.

A leitura da crônica nos permite constatar que se trata de um texto narrativo-argumentativo. Nele, a narração e a argumentação são co-orientadas no sentido de conduzir o leitor a identificar:

- a tese – o casamento da Senhorita Lídia Teles de Souza com o Senhor Herval Nogueira foi um espetáculo irregular;
- o acontecimento – o casamento;
- o cenário – altamente convencional, a abadia é apresentada como um palco;
- os personagens – o crítico teatral, o noivo, a noiva, os convidados, o coroinha e o padre;
- o tempo – é “determinado” pela duração da cerimônia religiosa;
- a analogia – o casamento é comparado a um espetáculo teatral;
- a ironia – uma cerimônia normal que se tornou um acontecimento irregular.

Com relação à construção argumentativa dessa crônica, as palavras “crítico teatral”, utilizadas no título, fazem o leitor inferir que não se trata de um convidado qualquer e, sim, de alguém com um olhar diferenciado. Essas inferências são confirmadas, no decorrer da leitura, quando o crítico compara o casamento com um espetáculo teatral. Os acontecimentos (rituais) que fazem parte da cerimônia são apresentados sob a forma de pequenas cenas compondo uma cena teatral maior, o casamento.

Observamos que o narrador-personagem, o crítico teatral, apresenta sua tese logo no início da crônica: “o casamento da Senhorita Lídia Teles com o Senhor Herval foi um espetáculo irregular” e, a partir daí, apresenta vários argumentos objetivando convencer e persuadir o leitor da sua “verdade”.

Para responder à questão: *Como reconhecer e analisar num texto, neste caso na crônica, as estratégias discursivas e argumentativas utilizadas pelo autor para persuadir o seu leitor/interlocutor?*, faremos uma análise das estratégias de persuasão ideológica escolhidas: a *seleção lexical* e a *relação entre explícitos e implícitos*, utilizadas pelo cronista.

Selecionamos como itens lexicais, a serem investigados, os adjetivos, os advérbios e os verbos. Os adjetivos foram empregados com o objetivo de depreciar a cerimônia: “noiva *nervosa*”, “noivo *frio*”, “*péssima* acústica da abadia”, “música *mal* escolhida”, “espetáculo *normal*”. Os advérbios foram empregados para intensificar as críticas feitas pelo narrador-personagem: “casamento como um dos *mais* irregulares”, “noiva *muito* nervosa”, “noivo com *muita* experiência de altar”, “dicção não *muito* boa”, “marcha *muito* batida”. Os verbos, por sua vez, servem para localizar temporalmente o leitor e para fazer julgamentos: “o casamento *foi* realmente um dos mais irregulares a que *temos assistido* nos últimos tempos”, “a Senhorita Teles *parecia* muito nervosa, nervosismo justificado por *estar estreando* em casamentos (o que não se *podia dizer* do noivo, que *tem* muita experiência de altar)”, “os figurinos de todos os oficiantes *foram*, visivelmente, *aproveitados* de outras produções”, “espetáculo normal, que *deve ser assistido* por todos os parentes e amigos”.

A relação entre explícitos e implícitos se dá a partir dos argumentos utilizados para reforçar a tese. Nesses argumentos, aparecem elementos explícitos, como as escolhas lexicais apresentadas, que levarão o leitor à realização de inferências por meio de elementos implícitos, originando a ironia textual.

Encerrando essa análise temos a presença da linguagem irônica. A ironia se faz presente na narrativa pelo uso de expressões como: “cenário altamente convencional” = pouco original, “figurinos de todos os oficiantes (participantes) visivelmente aproveitados de outras produções” = figurinos usados em outros acontecimentos/reaproveitados, “padre como vitorioso da noite” = os vitoriosos deveriam ser os noivos, “lamentar a qualidade do arroz jogado sobre os noivos” = arroz ruim, sem qualidade. O uso dessas expressões retrata a visão e a avaliação mostradas por um dos convidados do casamento: o crítico teatral.

Considerações finais

Consubstanciando as teorias apresentadas, podemos verificar que o narrador-personagem da crônica, o crítico teatral, lança mão de diversos argumentos e estratégias linguísticas para convencer e persuadir o leitor da sua verdade. Verdade esta apresentada sob a forma de uma tese: “o casamento da Senhorita Lídia Teles com o Senhor Herval foi um espetáculo irregular”. Portanto, trata-se de um texto argumentativo-persuasivo.

Com base nos elementos linguísticos discursivos analisados, podemos caracterizar essa crônica como sendo um discurso situado e contextualizado. O jogo argumentativo é utilizado para dirigir-se a um auditório específico: o leitor e retrata um determinado contexto: a realização

de um casamento. O objetivo do narrador é conseguir a adesão desse auditório à tese apresentada. Para isso, ele desencadeia uma ação persuasiva de convencimento em relação ao seu público-alvo, o leitor da crônica.

Referências

- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. New York, Oxford University Press, 1965.
- BARROS, D. L. P. de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Atual, 1988.
- COUTINHO, A. Ensaio e Crônica. In: **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul Americana, 2a. ed. vol.VI, 1971.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987 [1984].
- FERNANDES, M. O crítico teatral vai ao casamento. In: **Trinta anos de mim mesmo**. Círculo do livro, Nórdica, 1972, p. 78.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto & Edusp, 1997 [1989].
- GRICE, H. P. Logic and Conversation. In.: **Syntax and Semantics**. New York: Speech Acts. vol. 3, 1975.
- KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- MASSAUD, M. **A Criação Literária**. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- PERELMAN, C. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PESSOA, M. S. A análise retórica de acordo com Perelman. In: **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 4. n. 2, p. 135-151, jan./jun., 2004.
- POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística 3. Fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 353-392.
- TOULMIN, S. O layout de argumentos. In: **Os usos do argumento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.